



Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas.

Crisis and emancipation on the horizon of non-religious spiritualities.

Flávio Augusto Senra Ribeiro *

Acaso seja possível nomear a situação em que se encontra a humanidade, numa época demarcada como “cultura contemporânea”, ainda que considerada sob diversos matizes, não resta dúvidas de que a condição atual tem produzido significativos impactos sobre a percepção que têm as pessoas sobre a espiritualidade e a vida religiosa. As abordagens desse contexto tematizam as grandes mudanças ocorridas nos últimos séculos, as quais se revelam como as causas mais próximas do que costumamos nomear sob o signo da contemporaneidade. Cabe aqui ressaltar que essa é uma questão espiritual, pois demarca um modo do ser humano se ver com seus desafios, com suas perguntas e com o projeto de vida que se vislumbra para o futuro. Falar dessa condição espiritual, que representa essa nossa época, para além dos domínios morais, metafísicos ou religiosos estabelecidos, é o que mais propriamente desponta como uma reflexão sobre uma espiritualidade não religiosa.

Sob o signo da contemporaneidade demarcamos uma época de crise, mas também um tempo marcado por novas possibilidades e emancipação. A contemporaneidade traz em seu bojo tanto os horizontes da crise do sentido, elaborado desde as origens de nossa tradição ocidental, quanto os horizontes abertos, embora nebulosos, para novas criações, novos sentidos e desafios. São novos os tempos, são novos os desafios. Seja qual for o diagnóstico elaborado pelos variados espectros teórico-metodológicos das ciências humanas e sociais, acerca do que se tem chamado cultura contemporânea ou contemporaneidade, é possível até mesmo ao mero curioso observar que estamos falando de um século marcado pela transição de paradigmas, um tempo marcado pelo aã continuado de mudança, um tempo que questiona o valor dos valores, os seus fundamentos e sua viabilidade.

* Doutor em Filosofia, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Minas. País de origem: Brasil. E-mail: flaviosenra@pucminas.br

Essa realidade faz com que uma investigação sobre o senso religioso contemporâneo seja, nos dias atuais, enfrentada sob variados enfoques e perspectivas. Uma delas, para que se possa chegar à compreensão da emergência de espiritualidades não religiosas como expressão de algumas mudanças no cenário da cultura religiosa no marco cultural da contemporaneidade, diz respeito à reflexão sobre tal realidade na perspectiva do niilismo.

O tema do niilismo constitui-se como um matiz privilegiado para a reflexão sobre essa época que chamamos contemporânea. Isso pode ser percebido pelo fato do fenômeno do niilismo estar, de certa forma, desvelado como uma condição da história e um modo de ser do que existe, revelando-se como o caráter próprio do que está configurado como devir. As reações a favor ou contra esse fenômeno estão demarcadas de modo inexorável pelo selo desta que se revela como a consciência de uma época sobre sua condição, sobre seus limites e sobre suas possibilidades. Fruto da abrangência e relevância dessa perspectiva de interpretação da realidade chamam a atenção o crescimento e o aprofundamento, nos círculos acadêmicos, das abordagens de natureza multidisciplinar sobre essa questão.

O niilismo é um tema que importa hoje tanto às humanidades quanto às ciências exatas e da natureza. Do ponto de vista das humanidades, por exemplo, a questão do niilismo, seja ele assumido como crise e ruptura, seja ele assumido como condição para abertura e novas criações, tal questão deve ser compreendida como referência acerca de um fenômeno que é, por um lado, onipresente e, por outro, multiforme. Sobre sua presença em nossa cultura, o niilismo pode ser compreendido como a forma segundo a qual o ser humano se posiciona face ao valor do mundo quando se trata de produzir as formas pelas quais o compreendemos e chegamos a dizer o que ele é.

É nesse macro contexto que as formas de afirmação ou de negação da verdade do mundo em suas múltiplas significações e possibilidades se manifestam. Aqui a espiritualidade não se encontra em outro contexto senão naquele mesmo em que se debate o pensamento sobre o niilismo na filosofia, na teologia e nas ciências, com seus respectivos desdobramentos políticos, culturais ou ideológicos. O fenômeno, contudo, também é percebido em sua multiformidade. Essa condição pode ser explicada pelo fato de que o fenômeno do niilismo aparece ali onde o pensamento tanto o confirma quanto o nega, segundo certas condições de avaliação do mundo e da vida, ora negativa e reativa, ora afirmativa e criativa.

Uma elevada espiritualidade, neste contexto do pensamento sobre a presença e a forma do niilismo em nossa cultura contemporânea, não tem como se revelar alheia a essa condição posta pela nossa época. As espiritualidades, em cada época e contexto, estão constituídas e marcadas pelo mesmo movimento face à relação que estabelecem com o tipo de valoração do mundo. Espiritualidades são discursos, práticas e vivências que transcrevem os sentidos esperados. Encontramos, segundo a face negativa do niilismo, uma espiritualidade reativa que propugna uma fuga da realidade como condição para a realização do humano. Porém, segundo a face afirmativa do niilismo, encontramos uma espiritualidade criativa que insta ao enfrentamento da realidade da vida, como caminho da superação e do ultrapassamento, desafiador processo de transcendência, no arcabouço da imanência e das muitas limitações às quais nos encontramos sujeitados como seres finitos.

Poderíamos delinear alguns aspectos que precisam ser considerados nesta abordagem sobre uma espiritualidade não religiosa que expressa o contexto do senso religioso na contemporaneidade. As experiências que seguem, se de fato revelam características de nossa época, demandam uma qualificação e uma abordagem em novas perspectivas.

Uma primeira experiência é a do *desnorreamento*, como marca de um tempo que rompeu com a noção de fundamento fixo, estável, imutável e eterno. A consequência e, portanto, o desafio encontra-se na experiência de carência de um norte, ou seja, de um sentido. Essa experiência, no entanto, abre-se à compreensão de que múltiplas são as direções possíveis e os sentidos passam a se afirmar no plural. A experiência do desnorreamento exige uma qualificação espiritual para a vivência das buscas sem garantias e das noites sem a certeza da luz. Uma pedagogia do risco aqui se ensaia para horizontes não religiosos.

A experiência da *fragmentação* é outro fenômeno que nos impele a refletir sobre os cenários de uma espiritualidade não religiosa em contextos contemporâneos. As experiências do uno e da unidade cedem espaço à consciência do particular. A experiência humana se subdivide em fragmentos, assim como a história, as relações sociais e os engajamentos políticos. As autonomias se degeneram em fractais sob o pretexto do valor intransponível da identidade do particular. Esse fato exige uma espiritualidade que acolha o sentimento de perda da unidade, saiba valorar a particularidade, mas também permita instar experiências de alteridade e dialogicidade

com o todo em suas múltiplas manifestações e formas de organização.

O *êxtase* é hoje experimentado como um fim, tão supremo quanto efêmero, e sua realização se alimenta pela superativação dos sentidos. Uma espiritualidade não religiosa acolhe a fruição e a finitude. Seu desafio está na educação a partir desse novo paradigma, que não impõe expectativas transmundanas e a-históricas. O valor, ao contrário, reside na afirmação das experiências sensíveis de um corpo pleno, lugar em que se jogam o prazer e a dor de si e do mundo.

A *criatividade* faz parte dessas perspectivas abertas pela contemporaneidade, como prerrogativa de um direito assumido pelos sujeitos autônomos em nossa cultura. Ao ser humano compete a criação das condições para sua emancipação. O dado ou o adquirido não têm valor senão se transformados, recriados e ressignificados.

As espiritualidades não religiosas não são alheias à busca que se desenvolve nos contextos das espiritualidades religiosas das tradições hegemônicas. Os cenários que acima foram expostos são também desafiadores para os homens e mulheres que fazem parte das milenares tradições de sabedoria. A questão, porém, ultrapassa os limites postos pelas dinâmicas religiosas, aquelas marcadas pelo desejo de transcendência ultraterrena.

A dissolução dos velhos esquemas, o embotamento das velhas formas e a ruína dos velhos conceitos, então tomados como firmes, fixos, imutáveis e eternos, demarcam o tamanho do desafio de se construir um novo projeto no espectro das falências que marcam o cenário da cultura contemporânea. O caminho da espiritualidade é um caminho de homens e mulheres em seus desafios históricos, existenciais, políticos, sociais e econômicos. Uma espiritualidade não religiosa é a que se ocupa exclusivamente dos processos de ultrapassamento do humano. Sem uma espiritualidade não religiosa de base, talvez não seja possível falar em uma espiritualidade religiosa. Falar em espiritualidade não religiosa é ocupar-se da formação do caráter, de uma educação que talha e disciplina a vontade, falar de uma orientação dos sentidos que torna o ser humano um animal qualificado. Esse aprimoramento do humano é anterior a qualquer outro desdobramento ou opção e pode abrir caminhos sadios e fecundos, em termos de profundidade e qualificação para a elevada política, para os compromissos éticos da cidadania e para a vida religiosa comprometida.